

Na medida em que se amplia o acesso ao ensino superior, avolumam-se as preocupações com as condições dos estudantes para enfrentar as demandas do ensino acadêmico. Uma delas diz respeito à necessidade de utilizar a leitura e a escrita como ferramenta de acesso de sistematização do conhecimento, tornando-se pertinente à formação profissional.

O ensino superior, tanto aquele que se realiza no âmbito da formação inicial como na pós-graduação, é um espaço no qual circulam e são produzidos determinados gêneros de textos, condicionados pelas formas de interação próprias desse lugar. Esses gêneros, os chamados gêneros acadêmicos, estão, por sua vez, entre aqueles designados por Mikhail Bakhtin, em um texto consagrado ao tema - Os gêneros do discurso -, como gêneros secundários.¹

Essas formas relativamente estáveis que os textos adquirem nessa esfera de comunicação diferem dos gêneros que circulam em situações de comunicação verbal espontâneas, que estão ligados à imediaticidade dessas situações, que se organizam por meio de enunciados de estruturas simples e com recursos elementares disponíveis — os gêneros primários. Os gêneros acadêmicos geralmente circulam e são requisitados em circunstâncias formais e implicam um uso mais sofisticado da língua, principalmente, o manejo de recursos sintáticos e lexicais mais complexos, frequentemente associados à linguagem escrita mais elaborada. Estão entre eles os artigos científicos, os ensaios, as resenhas, as leis, os tratados, os relatórios de pesquisa, a exposição oral, a conferência, a aula.

Os gêneros orais e escritos primários são apropriados pelos sujeitos quase espontaneamente, em função da frequência com que são expostos a eles. O mesmo não ocorre com os gêneros secundários, cujo domínio implica um processo mais laborioso, uma vez que, pela natureza do material linguístico de que se beneficia, requer do sujeito um repertório muito maior de informações sobre os recursos oferecidos pela língua. O domínio desses gêneros necessita, em boa parte dos casos,

de uma atitude de reflexão intencional e sistemática sobre como eles se organizam, que conteúdos veiculam e de que recursos se valem para levar a termo a intencionalidade do autor; necessita de um apoio daqueles que já os utilizam – leem e escrevem – em sua esfera de atuação.

Essa reflexão nos remete, portanto, ao que se considera letramento acadêmico. Boa parte dos artigos oferecidos neste volume à leitura contribuirá para o esclarecimento desse conceito. Mas, para que nossos leitores possam ser ajudados de início, importa saber, preliminarmente, que por esse conceito – letramento acadêmico – estamos designando as condições mediante as quais os sujeitos, na esfera de sua formação profissional – seja ela inicial ou continuada -, utilizam-se da leitura e da escrita para dar conta das demandas próprias dos espaços, dos tempos e das relações que a constituem.

Podemos dizer, então, que o letramento acadêmico é constitutivo da formação profissional uma vez que, ao ingressarem no ensino superior, os estudantes são levados a produzir textos ao mesmo tempo em que são instados a envolver-se com eles com a finalidade de tê-los como mediadores fundamentais para o acesso ao conhecimento da sua área. Ou seja, os gêneros passam a fazer parte do modo de agir frente a determinadas demandas e situações, contribuindo para o delineamento das identidades profissionais.

Resulta dessa consideração uma problemática evidente na maior parte dos espaços acadêmicos. Não são raras as manifestações de docentes do ensino superior apontando que o nível de competência para ler e escrever textos de gêneros secundários constitui um empecilho para o acesso aos conhecimentos necessários à formação dos estudantes, para a organização e a elaboração desses conhecimentos.

A Revista *Espaço Pedagógico* está sensível a temas emergentes das novas tensões que as transformações sociais e culturais produzem e, por isso, produziu um espaço para a convergência de trabalhos que se debruçam sobre essa problemática, buscando para além das fronteiras nacionais, particularmente na América Latina, contribuições que impulsionem a discussão sobre o tema no âmbito da pesquisa brasileira. Muitos pesquisadores associados à tal temática responderam prontamente à chamada feita pela *Espaço Pedagógico*, oportunizando-nos a publicação desta primeira edição de 2015 com dez artigos e uma resenha, subscritos por autores estrangeiros, notadamente da Argentina e Colômbia, além de pesquisadores brasileiros de diversas unidades da federação, como Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo.

No primeiro artigo, a pesquisadora argentina Paula Carlino aborda o tema *Revisión entre pares*: una práctica social que los posgrados deberían enseñar, no qual analisa os resultados alcançados em oficinas de produção de dissertações de mestrado, que contemplam a estratégia da revisão dos escritos entre pares e os

processos de reescritura que decorrem de tal revisão. Dentre as conclusões, Carlino aponta que a revisão entre pares não é só um recurso para compreender que "escrever é reescrever", para aprender a revisar textos no sentido de aprimorá-los, mas especialmente para favorecer o intercâmbio entre os autores iniciantes, apoiar seu desenvolvimento acadêmico e a consecução das suas teses.

Seguindo, Eliane A. Pasquotte-Vieira apresenta o artigo intitulado *Letramentos acadêmicos e sujeitos discursivos*: dialogia, alteridade e negociação sobre a escrita em que investiga, a partir de estudo de caso, os processos de integração dos sujeitos às práticas letradas próprias do universo acadêmico e os modos de ressignificação das suas práticas de escrita científico-acadêmica. Aliando a perspectiva linguístico-discursiva bakhtiniana à abordagem etnográfica dos letramentos acadêmicos, a autora alicerça as bases metodológicas para compreender os movimentos de redução ou expansão da escrita em meio ao processo de alteridade, construção de sentidos e posicionamentos socio-históricos que envolvem os sujeitos.

Exploración del desarrollo de la escritura de dos egresados de medios y comunicación a propósito de una prueba de escritura a gran escala en Colombia é o título do artigo de Elizabeth Narváez Cardona, no qual a autora analisa as implicações da política pública colombiana de realização de provas de escrita em grande escala. A partir de um estudo qualitativo que acompanhou as mudanças na escrita de um grupo de colombianos ingressantes ao ensino superior em 2012, a autora aponta a necessidade de fortalecer o debate acerca da conceitualização do desenvolvimento da escrita e, a partir disso, discutir o que ensinar na educação superior.

No artigo de Isabela Quaglia, Cristiane Gonçalves de Aguiar Bonnic e Priscilla Campiolo Manesco Paixão, intitulado Formação leitora dos alunos do ensino superior: análise da construção desse processo, é proposta uma reflexão sobre o modo como os alunos se fazem leitores, conjugando esforços no sentido de caracterizar o processo de leitura dos estudantes de graduação e descrever as contribuições dos professores de Língua Portuguesa à apropriação da capacidade leitora. Apontando que o acadêmico de graduação lê pouco e apresenta dificuldades de escrita, as autoras defendem a necessidade de um trabalho sistematizado com a linguagem durante todo o processo formativo.

Rocío Serrano Cañas aborda as possibilidades educativas no tratamento do uso e do princípio de relação em processos de aprendizagem da língua, no artigo intitulado *Aprendizado da língua*, uso e princípio de relação na Oficina-Escola de João Pessoa.

Práticas de letramento em um contexto de formação continuada é o artigo subscrito por Raquel Aparecida Soares Reis Franco, Elizabeth Maria da Silva e Maria Lúcia Castanheira. Nele, as autoras analisam os significados da escrita em um curso de especialização em Linguagem e Tecnologia, buscando compreender os

significados da escrita acadêmica nesse contexto formativo. O estudo demonstrou que os participantes pautam sua escrita pelo chamado "modelo autônomo de letramento" e evidenciou a natureza tensa e conflituosa nas interações mediadas pela escrita nesse curso de especialização.

Priscila Ribas Sá e Lúcia Gracia Ferreira são as autoras do artigo intitulado Livro didático de Língua Portuguesa: contribuições e implicações em sala de aula nas séries iniciais. Em seu estudo, de natureza qualitativa e de caráter exploratório, debruçam-se sobre os processos de escolhas e usos do livro didático na prática docente de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Encontram práticas marcadas pela responsabilidade, criatividade e criticidade, mas apontam também a necessidade de maior investimento na formação continuada dos professores, para que o trabalho em sala de aula seja potencializado.

Com o artigo Os jovens com síndrome de Down e sua escrita, Bruna Cristina Comin e Maria da Piedade Resende da Costa expõem os resultados de um estudo de caso realizado com o intuito de identificar padrões na escrita de jovens com síndrome de Down, cotejando esses padrões com os níveis prescritos por Emília Ferreiro. Em suas conclusões preliminares, as autoras apontam que o desenvolvimento da escrita desses jovens com síndrome de Down não difere dos níveis gerais alcançados por crianças e jovens sem a síndrome.

Na seção Diálogo com Educadores, temos a oportunidade de conhecer a trajetória profissional de Alma Carrasco Altamirano.

Por fim, na seção Resenha, Camila Comin Bortolini e Rosângela Hanel Dias apresentam a obra do pesquisador inglês Brian Street intitulada *A natureza social do letramento*, originalmente publicada em 1995, sendo traduzida para a língua portuguesa apenas no ano de 2014. O autor trata de um tema atual, assumindo a tarefa de erigir definições para o conceito de letramentos sociais, cujo entendimento ainda se encontra em aberto entre aqueles que pesquisam no campo da linguagem e das práticas de leitura e escrita nas sociedades contemporâneas.

Ao encerrarmos este editorial, agradecemos aos autores pela qualificada participação, com a expectativa de que a interação entre autores e leitores promova potentes reflexões e mobilize significativas práticas no campo da educação e, em especial, do letramento acadêmico. Que a leitura seja instigante e prazerosa!

Adriana Dickel - Organizadora Flávia Eloisa Caimi - Organizadora e Editora-chefe

Notas

¹ BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.